

KEVIN HARRIS É ENTREVISTADO POR ALUNOS DO CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA DA UFPB*

Durante o período de 10 a 20 de agosto do corrente ano, o Prof. Kevin Harris aceitou convite da Coordenação de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB para ministrar um curso sobre Informação e Desenvolvimento Comunitário.

Bacharel em Biblioteconomia pela *Polytechnic of North London*, Membro do *Institute of Information Scientist* e do Grupo de Informação em Ciências Sociais da ASLIB (Associação de Bibliotecas Britânicas), o Prof. Harris exerce atualmente as funções de Chefe do Setor de Informação da *Community Development Foundation (CDF)*, administra a base de dados VOLNET-UK, além de ainda atuar como Secretário do Grupo de Trabalho em Tecnologia da Informação e desenvolver vários trabalhos de pesquisa, entre os quais estão em andamento *Information Technology and Communities e Information Income and Information Needs*.

Especialista e atuante na área de Comunidade e Setor Voluntariado, o Prof. Harris, cuja vinda à João Pessoa foi financiada pelo Conselho Britânico, concedeu entrevista aos mestrandos participantes do Curso, sistematicamente coordenada por Antonio Roberto Faustino, Jemima Marques de Oliveira e Rose Mary Catão. Entre as várias questões respondidas, o entrevistado explica a preocupação do trabalho que vem desenvolvendo sobre "a desinstitucionalização da informação" e "evidencia um tal grau de institucionalização que considera inaceitável porque chega a ser conivente com as forças que perpetuam a desigualdade social".

P. Por que, depois de ter passado por várias experiências de trabalho, você se decidiu pela Comunidade e o Setor Voluntariado?

R. Em parte, acidentalmente. Eu precisava de um emprego e apareceu esse. Mas, naturalmente eu me sentia fortemente atraído para isto. E assim, eu não gostaria de deixar agora este setor porque ele significa muito, dando a você a impressão de poder ajudar, e de uma certa maneira, a produzir mudança social.

P. Como os profissionais da informação do Reino Unido vêem essa atividade e até que ponto vai a participação deles? Eles vêem esse atividade como mercado de trabalho?

R. Não, o trabalho não é compensador porque esse tende a ser baixamente remunerado e exigente, enquanto as habilidades são severamente restringidas pelos recursos disponíveis. Você tem que estar comprometido com um comitê (oh desespero). Muitos agentes de informação que atuam no setor não possuem treinamento formal em Biblioteconomia ou em Ciência da Informação. Talvez, isto poderia ser uma vantagem. Frequentemente, espera-se deles que sejam impressores, jornalistas, editores, pesquisadores e publicitários, bem como agentes de informação. A Biblioteconomia no Reino Unido tem uma boa tradição de atividades comunitárias, a partir de bibliotecas públicas; enquanto, crescentemente se desenvolvem serviços voltados às minorias étnicas. Porém, a Biblioteconomia comunitária significa serviço setorial destinado a setores da população e não necessariamente às agências de desenvolvimento local. Em geral, as bibliotecas públicas e as agências de voluntariado simplesmente não se comunicam, o que é uma pena.

* Entrevista concedida por Kevin Harris e traduzida pelas Professoras Maria de Lourdes de Arruda Melo e Ana Maria Athayde Polke do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB.

Corno sempre é este o veredicto da situação do Reino Unido.

P. Qual a sua percepção sobre as tendências e perspectivas do trabalho na Comunidade e Setor Voluntariado?

R. O setor está sob severa pressão, devido à duas razões. Primeiramente, a recente política social tem exarcebado uma série de problemas sociais (moradia, breza e desemprego...) que resulta em demandas extras às agências de ajuda social. Em segundo lugar, os políticos começam a submeter o setor às leis do mercado, obrigando as agências a investir mais tempo e recursos na administração, uma vez que os recursos financeiros disponíveis estão minguando. O papel do governo local, a fonte de renda principal para as organizações comunitárias e de voluntariado, tem sido sistematicamente reduzido pela política do governo central, embora, como resultado, a maioria dos grupos e de organizações comunitárias tenha desaparecido. Para o futuro, pode haver certas expectativas de otimismo, talvez dentro de uma política governamental "*soft*" - ou aparentemente maior simpatia demonstrada pela Comissão Européia em torno dos interesses setoriais. Embora, no momento haja mais uma sensação de restrição danosa do que de desenvolvimento.

P. Durante o curso que você ministrou, algumas pessoas observaram na sua fala algo do pensamento anarquista. A preocupação com a desinstitucionalização da informação estaria vinculada a essa corrente de pensamento?

R. A resposta é não. Por definição, anarquismo é antiorganizacional. É negativo e destrutivo e, segundo penso eu, individualista, já que não mostra nenhuma preocupação relacionada aos interesses dos outros. Eu falei muito sobre organização, sobre parceria para o desenvolvimento; eu penso completamente diferente do anarquismo. É, um erro confundir desinstitucionalização com anarquismo. Desinstitucionalização é considerada parte de uma reconhecida flutuação na organização social. Se eu dei ênfase a isto, é por duas razões. Primeiramente, as instituições tendem a se fecharem em torno delas próprias, enquanto algumas vezes é necessário voltá-las a desenvolver o papel para o qual foram criadas. Institucionalizar é mais do que desinstitucionalizar. Em segundo lugar, a Biblioteconomia evidencia um tal grau de institucionalização que eu considero inaceitável porque chega a ser conivente com as forças que perpetuam a desigualdade social. Eu próprio me vejo ligeiramente radical "*slightly radical*" dentro de uma profissão bastante conservadora. Algo mais excitante, tenho que dizer.

P. Quais são as suas relações e opinião acerca das atividades da ASLIB?

R. Eu sou Membro do Grupo de Informação em Ciências Sociais da ASLIB, há dois ou três anos. Nós organizamos eventos e visitas para os profissionais de informação e publicamos um periódico trimestral, *Assignment*. No passado, eu critiquei a falta de influência da ASLIB na política e na super enfatização dada ao trabalho de informação empresarial – tem havido por parte da ASLIB distanciamentos bastante significativos com relação ao primeiro ponto, mas o segundo permanece.

P. A relação entre os países centrais e periféricos é provocada pela produção e apropriação desiguais da informação científica e tecnológica. Como você analisa esta questão?

R. Há questões enormes e complexas. Eu gostaria de esclarecer que, enquanto eu me sinto capaz de comentar sobre questões visando pessoas privilegiadas e desprivilegiadas, eu não tenho o conhecimento ou experiência relativa ao desenvolvimento internacional. Talvez, sejam úteis os pontos seguintes. Primeiro, há uma visível desigualdade de acesso tanto à informação como à tecnologia, a nível local e internacional. Em qualquer nível, parece-me que foram estabelecidas complexas cadeias de dependência as quais devem ser antes entendidas para que possam ser quebradas. Seja qual for a arena sobre a qual estivermos falando, nacional ou internacional, talvez seja útil referir-se aos princípios de desenvolvimento comunitário, tais como Participação, Autoridade, Ação Positiva e Parceria aos quais eu tenho me referido. Também vale repetir a minha mensagem principal

que é a abordagem reativa a partir dos agentes da informação - uma abordagem neutra é aquela abordagem negativa porque a informação envolve poder.

P. Você entrou em contato com a comunidade acadêmica, visitou uma biblioteca pública e conheceu o Baixo Roger. O que é que pode ter significado essas experiências para você?

R. Viajar sempre traz auto-conhecimento. A esse respeito eu me enriqueci - eu não posso ainda dizer como - e em termos de experiências eu estou muito gratificado. Muito do que eu tenho visto aqui tem me entusiasmado: eu me espanto é com o que tem-se obtido em alguns casos, sem as estruturas formais de apoio social - Eu quero dizer, trabalho social desenvolvido e trabalho de comunidade formal. Eu fiquei imensamente impressionado pela diversidade, dinamismo e a extensão do trabalho do SESC (Serviço Social do Comércio). Eu estou bem impressionado pelo entusiasmo do IPE (Institutos Paraibanos de Educação) em desenvolver educação comunitária; enquanto eu tenho a máxima admiração pelas realizações no CIPRO (Centro de Informação Popular do Baixo Roger (Organizado conjuntamente pelo Mestrado em Biblioteconomia da UPPB e moradores do Baixo Roger). Quanto aos contrastes, é questão de nível. No Reino Unido nós temos pobreza absoluta, como vocês têm e eu considero isto uma denúncia aos nossos esforços em nível de política social. Nós temos também exemplos de extrema riqueza que para muitos não é repugnante, como é para mim. Eu endosso a visão que considera a pobreza sendo estrutural - isto é, algumas pessoas são pobres porque outros são ricos; e enquanto eu considero a noção de que a pobreza e riqueza se merecem, enquanto hipócritas e irresponsáveis.

Eu sei que os nossos países têm extremos comparáveis de riqueza e de pobreza, por isso eu certamente não fiquei chocado com os contrastes, se isto é o que você quer dizer.

Porém a diferença é enorme, porque a maior parte da sua população é pobre enquanto a grande maioria de nossa(minha) população é de boa situação financeira, senão rica. O que deprime é que, apesar de suas riquezas comparativas e séculos de exploração de outros países, as nações desenvolvidas falharam visivelmente na erradicação da pobreza.

Por isso, talvez, eu posso tecer uma observação provisória: o que parece faltar aqui é um reconhecimento da natureza estrutural da desigualdade - os elos entre o desemprego, moradias pobres, o não acesso à Educação, más condições de saúde, pobreza, etc. No Reino Unido, como em outros países, quando as abordagens estratégicas levam em consideração tais fatores, têm sido conseguido sucessos de desenvolvimento e de regeneração.

P. Qual a sua análise a respeito do trabalho desenvolvido no Baixo Roger e o que e que você poderia deixar como recomendação?

R. Eu estive três vezes no Roger e eu tenho uma idéia do que já foi alcançado. Eu acredito que os resultados são excepcionais. É importante considerar a qualidade do trabalho - é muito alta; apesar do contexto potencialmente difícil e da ausência de experiência em desenvolvimento comunitário. A única ressalva que eu tenho de fazer é que talvez seja hora de verificar-se o índice de pessoas dentro da comunidade que está envolvida, que está sendo atingida e tentar aumentar esse índice. Isto não é uma crítica, é uma recomendação, pesar de saber que vocês já estão com essa preocupação. Outro ponto que admito é que seria bom engajar uma pessoa da comunidade para ajudar a unir os líderes comunitários, dando coerência ao trabalho de desenvolvimento que está ali acontecendo e ajudá-los a negociar com as autoridades. Mas eu não tenho crítica a qualquer dos trabalhos que eu vi no Roger. É uma demonstração notável de que o uso da informação pode fazer diferença nas mais carentes das comunidades, elevando o moral e auto-confiança e, ao mesmo tempo, gerando oportunidades para auto-decisão. Vocês são responsáveis não apenas na continuação deste projeto como também em disseminar informações sobre o trabalho de vocês. Eu lhes desejo todo o sucesso possível.

Muito obrigado a vocês todos por me fazer sentir tão bem-vindo. Que a informação possa fluir tão livremente quanto à sua bondade.

***KEVIN HARRIS IS INTERVIEWED BY THE
STUDENTS OF THE POST-GRADUATE LIBRARY
SCIENCE COURSE***